

Revista
Latino-americana de

Geografia e Gênero

Volume 9, número 2 (2018)
ISSN: 2177-2886

Editorial
Les-Online

Espacialidades Lésbicas: Localizando Visibilidades e Construindo Geografias Dissidentes

*Espaciales Lesbianas: Localizando Visibilidades
y Construyendo Geografías Disidentes*

*Lesbian Spatialities: Locating Visibilities and
Building Dissenting Geographies*

Eduarda Ferreira

CICS.NOVA, Faculdade de Ciências Sociais e
Humanas (FCSH/NOVA)
e.ferreira@fcs.unl.pt

Luciana Moreira

Centro de Estudos Sociais – Portugal
lucianamoreira@ces.uc.pt

Maria Helena Lenzi

Universidade Federal de Santa Catarina - Brasil
prenom.marie@gmail.com

Como citar este artigo:

FERREIRA, Eduarda; MOREIRA, Luciana, LENZI,
Maria Helena. Espacialidades Lésbicas: Localizando
Visibilidades e Construindo Geografias Dissidentes.
Revista Latino Americana de Geografia e Gênero,
v. 9, n. 2, p. 2-6, 2018. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

A reflexão sobre o espaço geográfico a partir da perspectiva de grupos sociais compostos pelo vasto espectro da diversidade de orientações sexuais e identidades de gênero implica questionar e ultrapassar as noções de espaço fixo, material ou passível de ser compreendido por uma perspectiva sincrônica em que partes e todo apresentam uma coerência. A existência dessa diversidade em uma sociedade homo e transfóbica implica reconhecer que o espaço é simultânea e paradoxalmente elemento de negação e possibilidade de existência de sexualidades não heterocisnormativas.

Dentro desse quadro, as vivências homossexuais se constituem através de estratégias produzidas por fissuras e dinâmicas de resistência às normas heterossexuais que também são espaciais, visto o espaço geográfico ser constituído por relações sociais, sendo ao mesmo tempo material e simbólico.

A in/visibilidade das espacialidades lésbicas evidencia as interseções entre patriarcado, sexismo, homofobia e heterossexismo. As geografias das sexualidades, devido ao seu foco inicial nos homens cisgênero homossexuais, tendem a reproduzir uma visão da sexualidade através das lentes das masculinidades, e as geografias de gênero e feministas muitas vezes (não intencional?) reproduzem uma visão heterossexista da sociedade.

As geografias lésbicas, área em que este número temático se situa, questionam e desafiam as normatividades particulares que continuam a ser reproduzidas nas investigações de gênero e sexualidades. Existem, é claro, numerosos exemplos de como as geografias das sexualidades oferecem importantes análises de gênero, assim como as geografias de gênero e feministas abordam as nuances dos desejos, identidades e práticas sexuais. No entanto, o heterossexismo e a perspectiva masculina são uma realidade dominante. Neste contexto, as geografias lésbicas continuam a ter um papel importante na análise de temas relacionados com discriminação, marginalização e inclusão, ao adotar uma visão interseccional que cruza gênero e sexualidades.

Com esse número especial, temos o desejo de compor as produções sobre espacialidades lésbicas na geografia, localizando as visibilidades para além da produção anglófona, que historicamente tem uma predominância dentro da geografia das sexualidades, ampliando as fronteiras das geografias dissidentes.

As produções já existentes, que são citadas em parte dos textos presentes nesse número, explicitam que, embora as espacialidades lésbicas ainda representem um número modesto frente ao total da produção geográfica internacional, elas já não são mais invisíveis. Na tentativa de seguir dando visibilidade às pesquisas que, em diferentes escalas e contextos espaço-temporais, apontam para discriminações e violências, mas também para múltiplas formas de tensionamento e resistência à heteronormatividade, lançamos esse conjunto de artigos em uma revista que vem se identificando como importante veículo de debate científico e tensionamento epistemológico na construção de espacialidades dissidentes nas geografias latino-americanas e para além delas. Além do mais, este número especial a que demos o nome de Espacialidades Lésbicas insere-se na nova secção da RLAGG 'LES Online', herdeira da publicação digital sobre questões lésbicas, criada em 2009 por Eduarda Ferreira e Maria João Silva, com o objetivo de divulgar estudos e

investigações de carácter científico, bem como projetos de intervenção ou artigos de opinião sobre várias vertentes da temática lésbica.

Reunimos pesquisas de mulheres lésbicas, bissexuais, queers e aliadas, que, a princípio, foram sistematizadas com base em artigos apresentados da IV Conferência Europeia de Geografia das Sexualidades, realizada na cidade de Barcelona, em 2017, além de outras, posteriormente aglutinadas. De nove artigos, 4 partem especificamente da geografia e os demais são de outros campos das ciências humanas, dos direitos humanos e da filosofia. Sendo que todos têm em comum o debate da espacialidade, caro para as reflexões geográficas e, por isso, compõem este número.

O contexto brasileiro é tema da contribuição de Maria Helena Lenzi e Joseli Maria Silva que abordam a construção de espaços de sociabilidade por mulheres lésbicas durante a ditadura militar na cidade de Florianópolis, ao sul do Brasil. Em diálogo com historiadores, apontam como, dentre os grupos considerados uma ameaça subversiva ao regime autoritário no Brasil, estavam aqueles que vivenciavam sexualidades dissidentes da heterossexualidade. As geografias lésbicas aqui construídas fornecem uma importante crítica ao patriarcado, ao sexismo e à lesbofobia que não apenas se expressavam no espaço promovendo invisibilidades materiais da vida dessas mulheres, mas também trazem questionamentos sobre a forma com que nossas geografias são feitas de modo a manter a invisibilidade das espacialidades lésbicas, o que, de modo muito similar, é analisado por outras autoras presentes nesse número, para diferentes contextos.

As estratégias de visibilidade face à precarização dos espaços lésbicos são tema de dois artigos, sobre duas capitais europeias. O texto de Cecília Nessi e Marian Lens foca a cidade de Bruxelas, muitas vezes considerada a capital da União Europeia. Através de um percurso histórico e espacial pela cidade, as autoras constroem uma *herstory* em busca dos espaços lésbicos e de mulheres, evidenciando as estratégias de adaptação à precariedade dos espaços físicos atuais. Katerina Stamatopoulou escreve sobre Paris e o foco do seu artigo está nos lugares que mulheres lésbicas e *queer* frequentam para sociabilizar. A sua abordagem é ao presente. A autora realça o desaparecimento de bares e outros espaços especificamente para mulheres, mas aponta para o surgimento de festas itinerantes, sobretudo na zona da margem direita do rio Sena, identificando o papel fundamental das novas tecnologias nas reconfigurações das espacialidades lésbicas.

Com o artigo de Ana-Maria Cristea nos deslocamos a Montréal, no Canadá, e à Cidade do Cabo, na África do Sul, simultaneamente. Numa intersecção entre a Geografia e os Estudos de Mídia, a autora examina o crescimento e popularidade de séries para internet, que tem vindo a desempenhar um papel fundamental de representação de espaços lésbicos ou *queer* (em ambas as cidades), identificando espaços geográficos de poder mais normatizados bem como espaços de possível subversão. Também sobre a Cidade do Cabo é o texto de Susan Holland Mutter, que, partindo de uma perspectiva sobretudo sociológica, evidencia como a Cidade do Cabo que é frequentemente apontada como a capital gay da África do Sul, é também palco de um forte discurso de discriminação e até morte, sobretudo para mulheres lésbicas negras. A intersecção entre sexualidade, gênero, raça, classe e, por vezes, religião,

permitirão mapear uma cidade fraturada em zonas de violência, conforto, de resistência e, até mesmo, a construção de normatividades.

Com Luciana Moreira nos deslocamos a Madrid, Estado Espanhol, o terceiro país do mundo que, em 2005, efetivou o direito ao casamento igualitário. A autora analisa as entrevistas feitas a mulheres vivendo em relações lésbicas, chamando a atenção para a persistência do “pensamento heterossexual” em contextos como a família de origem, espaços públicos e espaços institucionais, ao mesmo tempo que identifica o papel transformador e emancipador da visibilização que estas mulheres fazem do seu direito a viver a intimidade livremente.

O texto de Marta Jorba e Maria Rodó de Zárate e o texto de Mercè Falguera Ríos nos transportam até às possibilidades e experiências da maternidade entre duas mulheres. Marta Jorba e Maria Rodó de Zárate partem de uma autoetnografia das suas próprias experiências de maternidade lésbica para denunciar as distintas formas de discriminação institucional e de violência (legal e médica) contra as maternidades não normativas em geral, e em particular as maternidades lésbicas, não deixando de salientar as oportunidades de mudança que estes tipos de maternidade promovem face à matriz heteronormativa. Mercè Falguera com base numa investigação realizada na Catalunha, Estado Espanhol, aborda as várias possibilidades de projetos de maternidade de mulheres lésbicas, sozinhas ou no contexto de uma relação. A investigação feita a partir de entrevistas e material etnográfico analisa as narrativas e as experiências das participantes, explorando diversas formas de maternidades lésbicas e as interrelações da maternidade com as identidades lésbicas.

O artigo de Pablo Pérez Navarro traz uma leitura do feminismo radical dos Estados Unidos pela intersecção das diferenças de raça, gênero e classe em relações dicotômicas dos espaços acadêmicos e de lazer. Por meio de uma análise histórica do chamado feminismo de segunda onda, o autor apresenta tensões e diferenças de um feminismo radical e de uma cultura lésbica da classe trabalhadora, trazendo a tona o silenciamento das masculinidades lésbicas nesse período.

Retornando ao mundo lusófono, Eduarda Ferreira através do projeto ‘LES friendly’ explora o potencial de mapas colaborativos em ambiente online para a promoção de espaços públicos mais inclusivos para mulheres lésbicas e bissexuais. Este projeto, com base na criação e partilha de narrativas geoespaciais de memórias, emoções e sentimentos de mulheres lésbicas e bissexuais, tem como objetivo criar mapas online colaborativos de espaços ‘friendly’ para lésbicas e utilizar práticas da web geoespacial para explorar as inter-relações de espaços ‘friendly’ e espaços percebidos como seguros, criando significados coletivos a partir de experiências individuais.

Partindo do conceito das espacialidades lésbicas como um campo emergente da Geografia, que envolve um conjunto de tensões e negociações com outras áreas de conhecimento, esperamos contribuir, com este número especial, para o fortalecimento de investigações teóricas e empíricas na área do gênero e da sexualidade a partir dos estudos lésbicos, ou sobre mulheres lésbicas, sapatões, tortilleras, bissexuais, pansexuais ou queers. As interseções entre gênero e sexualidades são centrais para compreender as especificidades

Dissidentes

das lésbicas como sendo mulheres que vivem num contexto social discriminatório. Pretendemos com este número da secção 'LES Online' contribuir para uma melhor compreensão desta realidade e promover o interesse em mais investigação sobre esta temática.

